

## **SPACE INVADERS**

Texto de Fernanda Gama – primeira versão – julho/2016

### **Personagens**

CAIO, 14 anos, narrador

PEDRO, 17 anos

VANESSA, 14 anos

LUCA, 11 anos

### **PRÓLOGO**

*Foco baixo, que torne possível apenas vermos o rosto de Caio e o caderno em que ele está escrevendo. Ele escreve enquanto narra.*

Caio – Prólogo. Fala sobre o que aconteceu antes da história começar. (*pensa*) Tá. Acho que minha vida toda foi um prólogo, então. Tô esperando ainda começar a acontecer alguma coisa. Alguma coisa boa. (*pensa*) Sério, eu não devia estar escrevendo isso, eu nem deveria estar aqui mais. Nem sirvo pra escrever, não sou herói nem nada, não tenho o que falar de mim. (*pensa*) É que a história nem é sobre mim também, é sobre eles. Sobre quando eles chegaram. Foi tudo meio rápido. Não é que tava tudo bem antes, não tava, nunca esteve, mas quando você acha que não dá mais pra piorar... toca o telefone e aquele papo de “são meus filhos também” e pronto. Ninguém me perguntou. Eu não teria dito nada, eu nem ia saber o que dizer, mas mesmo assim, ninguém me perguntou. Ninguém me perguntou e era a minha casa. E eles já tavam a caminho. Como pode, um telefone tocar e mudar a vida de alguém tanto assim?

### **CENA 01**

*Música. Space Oddity. Luz se abre lentamente sobre a cena. Vemos um astronauta carregando uma caixa. Seus movimentos são lentos, pesados, difíceis. Desloca-se de um ponto a outro do palco. Conforme a luz aumenta um pouco, podemos ver que o cenário é a planta baixa de um pequeno apartamento. Vemos as linhas que delimitam os diversos cômodos: quarto, sala, cozinha, banheiro, quarto dos fundos. Não há paredes. O público deve poder ver tudo o que acontece em todos os cômodos, todo o tempo. Cama, mesa, sofá, podem*

*ser móveis simplificados ou também delimitações desenhadas no chão. O astronauta continua andando. Sabemos agora que ele leva a caixa saindo do quarto principal em direção ao quarto dos fundos. Quando enfim chega, senta-se no chão. Fica um tempo ali, parado. Como se tivesse desistido. Ouvi-se um telefone tocando. O astronauta tira o capacete, e atende o celular.*

Caio – Oi, mãe. (TR – tempo de resposta) Tá, normal. (TR) Mais ou menos. (TR) Ah, mais ou menos. Não sei direito o que é pra fazer. (TR) Eu sei que é hoje. (TR) Ah, não, não vou limpar nem fudendo. (TR) Tá, como se você não falasse. (TR) Porque você não ficou em casa hoje? (TR) Não podia faltar só hoje? (TR) Todo dia você tem reunião. Todo dia tem alguma coisa. (TR) É, agora vai ter que trabalhar três vezes mais, então. (TR) E o Eduardo? (TR) A ideia não foi dele? E porque que ele não tá aqui? (TR) Que desse um jeito. Sou eu que tenho filho? Eu tenho filho? Eu tenho filho? Eu tenho filho? Não tô gritando. Não tô gritando, mãe. (TR) Ah, coitada dela, agora você tem dó, você sempre reclamou dela. (TR) Tá, mas por quanto tempo? (TR) Uma previsão, pelo menos, não pode ser assim. (TR) Mãe, você não pode mesmo vir pra cá? (TR) Tô te pedindo por favor. (TR) Fala que você não pode agora. (TR) Porra, mãe, a gente tá no meio da conversa. (TR) Tá, grande novidade. (TR) Eu sei, mas seria importante você estar aqui, né? (TR) Tá, tá bom. (TR) Tá. Tchau. (TR) Aviso. Aviso. Tchau.

*Ele desliga. Continua sentado, sem estímulo algum. Após um tempo, eles entram pela porta da cozinha. Pedro é o primeiro a entrar. É o mais velho, tem uma influência sobre os demais e tenta o tempo todo colocar-se como o novo chefe e responsável da família, mas obviamente não sabe como fazer isso. Não é, no entanto, agressivo. Veste-se exatamente como James Dean, jaqueta de couro e afins. Vanessa é a menina descolada, bem vestida, sempre maquiada. Não larga o celular um só minuto e claramente é a que se sente mais incomodada com a mudança. Veste um vestido de festa, curto, como o primeiro vestido usado numa festa de debutante, e uma pequena tiara brilhante. Luca, o mais novo, ainda guarda o comportamento de uma criança curiosa, e extremamente inteligente. Tem cabelos compridos e jeito delicado.*

Pedro – (fala em direção à porta) Caralho, Vanessa, como cê é lerda.

Vanessa – (entrando) Carrega minha mala, então.

Pedro – Não sei porque cê trouxe tanta coisa.

Vanessa – Não sei se vou precisar.

Pedro – Não fala merda. A gente vai ficar pouco tempo.

Vanessa – Você não sabe.

Pedro – (pra Luca, que entra) Vai, carrega isso que nem homem.

*Caio com o barulho se levanta e sai do quarto.*

Vanessa – Ele nem aguenta a gente muito tempo.

Pedro – Cala a boca.

Vanessa – Nunca aguentou, cê sabe.

Pedro – (vê Caio. Pausa) E aí? (Pausa. Caio não responde. Pedro mostra a chave) Meu pai já mandou fazer as cópias pra gente.

*Caio não responde. Mal olha pra eles. Pequeno silêncio.*

Vanessa – Onde que a gente põe as coisas?

*Caio não responde de novo, mas aponta em direção a seu antigo quarto. Os outros três andam até lá.*

Pedro – O da esquerda?

Luca – Esse menor?

Vanessa – Só tem uma cama?

Pedro – Tem outra embaixo.

Vanessa – E eu?

Pedro – Eu fico em cima.

Luca – Porque você?

Pedro – Porque eu sou mais velho.

Vanessa – Eu também vou ficar aqui?

Pedro – Não tá achando bom?

Vanessa – Só tô perguntando.

Pedro – (ri) Pega um dos outros doze quartos, então.

Vanessa – (para Caio) Não tem outro quarto?

Caio – Só esse. E o da minha mãe.

Pedro – (continua provocando) Pronto, fica no quarto com o pai.

Vanessa – Até parece.

Pedro – Dorme na sala.

Vanessa – Cala a boca.

Pedro – Fica no quarto de empregada, é a tua cara.

Caio – Eu tô lá.

*Pedro para de rir. Silêncio um tanto constrangedor.*

Caio – (sem saber como agir) Bom, eu tô lá.

Pedro – Belê.

*Caio volta ao quarto dos fundos, senta-se novamente. No antigo quarto dele, o silêncio se mantém por alguns segundos, até eles se sentirem a vontade para rir, e então voltar a falar.*

Vanessa – Pedro, libera essa cama pra mim, vai.

Pedro – Nossa, nem fudendo.

Vanessa – Porra, que custa?

Pedro – Eu sou maior, cara, não vou ficar em colchãozinho no chão, não.

Vanessa – Eu não quero ficar na sala. E não vou pedir pra ficar no quarto com o papai.

Luca – Porque não?

Vanessa – Porque não, né. A Elisa me mata.

Pedro – Foda-se a Elisa.

Vanessa – (pega o celular e começa a checar as mensagens) A Elisa é a dona da casa, trouxa.

Pedro – Foda-se a casa.

Vanessa – (ao celular, com o namorado, voz infantil) Oi, bebezinho, você tá aí?

Luca – A gente precisava mesmo vir pra cá?

Pedro – Claro que não. Isso é tudo frescura da Elisa. Ela morre de ciúme da mãe. Aposto que foi ideia dela.

Luca – Por que?

Pedro – Pro pai não ter que ir lá em casa toda hora.

Vanessa – É, bem melhor tacar a gente no apartamento dela e ter que pagar nossas contas.

Pedro – Ela não paga nossas contas. O pai paga nossas contas.

Vanessa – Paga, sim. Do mesmo jeito que paga lá em casa.

Pedro – Ele paga, mesmo.

Vanessa – Ele nunca nem aparece.

Pedro – Não quer dizer que ele não paga as contas.

Vanessa – Cala a boca.

Pedro – Cala a boca você.

Vanessa – A mamãe ganha mais e se vira sozinha. Cê sabe.

Pedro – Tá, mesmo assim.

Vanessa – E aqui é diferente.

Pedro – Para de reclamar, é por pouco tempo.

Vanessa – E se for mais? Já pensou? Essa casa apertada e esse filho estranho dela.

Pedro – Você nem vai ver esse moleque. Nem vai ouvir a voz dele.

Vanessa – Saco.

Pedro – Ninguém nunca ouviu a voz dele na vida. (*Eles riam*) Não consegue falar mais que duas ou três palavras.

Vanessa – Bizarro. (*grava no celular, pra amigas*) Oi, acabei de chegar aqui. Ai, é muito zoadão. Pequeno, estranho. Não tem nem quarto pra mim.

Caio – (*no quarto dos fundos, narra*) A primeira coisa que eu pensei foi escrever uma história de herói. Eu gosto de história de herói, eles são fodões, saem por aí e vão conquistando tudo que eles querem. Quando eu era pequeno gostava de me imaginar como um herói. Mas agora sei que não sou herói porrra nenhuma, tô muito mais pro cara que foi derrotado pelo herói, teve a casa invadida, destruída e queimada, perdeu tudo que tinha pro herói ter tudo que tem. Nunca tinha pensado que tinha esse outro lado. Mas sempre tem. (*Caio tira de uma das caixas um videogame antigo, e começa a mexer nas peças.*)

Vanessa – (*rindo, no celular*) Cê não tem ideia. MUITO estranho. Sempre foi meio estranho, né, mas a última vez que eu tinha visto ele era muito criança ainda, acho que não reparei, mas agora tá foda, ele tá muito zoadão.

Luca – (pra Pedro) Quanto tempo a gente vai ficar?

Pedro – Pouco.

Luca – Pouco quanto?

Pedro – Pouco.

Vanessa – (pra Pedro) Não fala do que você não sabe.

Pedro – Cala a boca, ele é criança....

Luca – Eu não sou criança.

Pedro – Não, não é não, cê é adulto pra caralho.

Vanessa – Ele tem que saber das coisas.

Pedro – Ele sabe.

Vanessa – Sabe porra nenhuma. (*no celular, rindo*) Que meio irmão, o que, cala a boca.

Pedro – (pra Luca, tentando falar tudo com calma) Escuta, a gente vai ficar aqui até as coisas melhorarem. Na hora que melhorar, a gente volta pra lá.

Vanessa – (*celular, namorado*) Eu tô morrendo de saudade, já. Você tá com saudade?

Luca – Mas porque a gente não pode ficar lá e ajudar?

Pedro – Porque eles decidiram que a gente vai ficar aqui, então a gente vai ficar aqui, e a mãe vai ficar lá, e ela vai pensar só nisso.

Luca – Só nisso o que?

Pedro – Em melhorar as coisas. Ela vai ficar lá sozinha, só fazendo isso, de manhã até de noite, tudo que ela vai fazer é pensar em como melhorar.

Luca – Ela pode fazer isso com a gente lá.

Vanessa – (*celular*) Como que eu vou assistir aula sem você do lado?

Pedro – Não pode, porque se a gente tiver lá ela passa uma parte do tempo pensando que tem que cuidar da gente, e não pensando em melhorar.

Luca – E isso não é bom?

Pedro – Não sei.

Vanessa – (*celular*) Ai, como você é bobo.

Pedro – Acho que não.

Luca – Ela pode pensar nisso e na gente ao mesmo tempo.

Pedro – Acho que não tem mais espaço pra ela pensar em nada.

Vanessa – (*celular*) Que você fez hoje?

Luca – É que é impossível pensar numa coisa só o dia inteiro. Eu já tentei. Você pensa em uma coisa mas quando percebe sua cabeça sozinha tá pensando em outra, e você nem lembra como aquele pensamento foi parar ali. Você não controla o pensamento, é muito mais o pensamento que controla você. Você não pensa uma coisa só o dia todo. E se ela passa o dia todo pensando em melhorar na verdade ela passa o dia todo pensando em como tá ruim.

Pedro – (pausa) É, isso também.

Vanessa – (no celular, com as amigas) Eu não, prefiro eu visitar vocês. Aqui nem cabe todo mundo. Aqui é zoado.

Luca – Não é justo.

Pedro – Não, não é, não é nada justo.

Vanessa – (celular, amigas) É só olhar pro bairro, pro tipo de casa que tem, o tipo de gente que anda na rua. Muito zoado.

Pedro – (pra Vanessa) Porra, como você reclama.

Vanessa – Você queria que eu fizesse o que?

Pedro – Então, pára de chorar, que saco.

Vanessa – Você tem cama, pelo menos.

Pedro – Mas que merda, fica com a porra da cama!

(Ele se levanta e ela ocupa a cama no lugar dele)

Vanessa – Você é mais velho. (irônica) Tem que tomar conta da gente.

Pedro – Vai se fuder.

Vanessa – Quem vai tomar conta do seu irmãozinho?

Luca – Sua idiota.

Vanessa – (pra Luca) Vai, babaca.

Pedro – Porra, cala tua boca.

Vanessa – Que merda.

Pedro – (irritado) Claro que é uma merda, eu sei que é uma merda, mas não tem nada que a gente possa fazer.

*Silêncio. Pedro sai irritado, vai até a sala e se atira no sofá, fica deitado, olhando pro teto, visivelmente incomodado. Vanessa se concentra no celular de novo, deitada na cama. Luca sai do quarto e anda pela casa.*

Vanessa – (grava) Parece que a gente tá em outra cidade, sei lá. Muito qualquer coisa.

Caio – Aí eu pensei em escrever a história de um cara que foi embora pra sempre. Porque era o que eu mais queria fazer naquela hora. Só que eu não sabia pra onde ir. Eu ficava pensando em todos os lugares do universo que podiam ser mais legais que ali, e eram vários, mas eu não tinha como ter certeza se ia achar esse lugar. Eu nem sabia se um lugar melhor existia.

Vanessa – (namorado) Ah, não fiz nada. A gente fez a mudança, só

Caio – Uma pessoa foge só quando decide que é melhor enfrentar problemas novos do que ficar ali com os problemas que ela já conhece. Tem que ter coragem pra fugir daquilo que faz você se sentir um merda, até porque ser um merda as vezes é tudo que você sabe fazer. É tudo que você sabe sobre você.

*Telefone de Pedro toca. Ele atende*

Pedro – Oi. (TR) Chegamos. (TR) Ah, normal. (TR) Se sentir em casa, mesmo, não dá, né? (TR) Não, não é, não.

Vanessa – (celular, amigas) Não, sério, você não tá entendendo o fracasso. (*ri muito alto*) Pior lugar, sério, se tiver uma competição, ganha, certeza.

Pedro – (celular) Achei que você fosse falar com ela. (TR) E agora tudo que eu for fazer eu tenho que avisar você e ela? Aí fudeu. (TR) Tá, senhor Eduardo, tá. (TR) Ah, não, é? (TR) Tá. A gente pede uma pizza. (TR) Perguntar o que, o cara não sabe nem falar o próprio nome.

Caio – Eu ficava porque eu não tinha coragem pra decidir. Isso era coisa de herói. Eu não era herói. Eu era um merda.

Pedro – Sei lá, a gente se vira. (TR) A gente se vira, não tem outra opção que não a gente se virar, né? (desliga) Tomar no cu.

*Pedro desliga. Começa a ouvir música. Luca esteve até agora no quarto com Vanessa, e ela não lhe deu a menor atenção. Ele se levanta e começa a andar pela casa, sondando, procurando.*

*Vanessa – (grava no celular) Nossa, nem fudendo, a festa vai ser pra galera daí, você acha... tô até vendo que só vai ter cara zoadão nessa escola nova.*

*Luca chega até a sala e olha para Pedro, que também não parece estar muito interessado nele, enquanto canta a música alto, sem se importar se está atrapalhando alguém. Anda mais um pouco pela casa. Vai até a porta do quarto dos fundos, que agora é o quarto de Caio. Ele olha pra dentro. Caio olha de volta. Eles se encaram por alguns segundos.*

*Vanessa – (grava no celular) Nem vem, você dança na minha que é primeiro, e depois você tem que me chamar pra dançar na sua, já tava combinado. (TR) Nossa, eu nunca mais olho na sua cara. Juro.*

*Luca continua encarando Caio, que está trancado no menor quartinho no canto da casa, enquanto os outros dominam todos os outros cômodos. Até que Caio veste novamente o capacete, e quando ele faz isso, todos os outros sons da cena param, embora os movimentos da cena continuem. Como se estivéssemos no espaço, e o som não mais se propagasse. Luca entende que deve ir embora, e volta a rondar a casa.*

## **CENA 02**

*Algumas semanas depois. Manhã. Vanessa está no banheiro se maquiando enquanto os dois meninos ainda estão no quarto. Olha-se no espelho e faz mil caras, namora-se por um longo tempo, mas ao final dá um longo e decepcionado suspiro. Luca sai do quarto, vai até o banheiro.*

Luca – Anda logo!

Vanessa – Não enche!

Luca – Vai, caramba.

*Luca espera na porta do banheiro. Pedro ainda dorme. No quarto dos fundos, Caio acorda, senta na cama, ainda como astronauta. Ele tira o capacete.*

Caio – (narra) No começo da história você precisa apresentar todo mundo, o lugar, os personagens, o que tá acontecendo. Eu moro nessa casa desde os seis anos, e vou morar mais doze pelo menos que é o tempo de acabarem as parcelas, a minha mãe disse. O Eduardo chegou bem depois, eu não gosto tanto dele, mas ele não atrapalha e deve ajudar minha mãe a pagar as contas, então tudo bem. Eles chegaram faz duas semanas.

*Caio tira uma pílula de um pote e engole.*

Luca – (bate de novo na porta) Vanessa, por favor.

Vanessa – (irritada, abrindo a porta) Vai, entra logo, saco.

*Luca entra no banheiro correndo, Vanessa volta ao quarto, Pedro ainda está na cama. Caio pega sua mochila, seu capacete, e sai do quarto dos fundos. Anda lentamente, como na cena anterior.*

Vanessa – Ainda?

Pedro – Você não saía do banheiro...

Vanessa – Nem fiquei tanto assim.

(pausa)

Pedro – Caralho, eu era capaz de matar pra não ir pra escola hoje.

Vanessa – Nem me fala.

Pedro – Quantas horas a gente passa naquela merda por dia?

Vanessa – Na escola? (*calcula*) Umas seis? Oito? Depende do dia...

Pedro – Oito horas por dia, num lugar que não tem nada que você gosta.

Vanessa – Essa escola é uma merda.

Pedro – Duas semanas de aula e nada de interessante, nada. Essa merda vai ficar o resto do ano assim.

Vanessa – (*olha pra ele*) Achei que a gente não ia ficar nessa escola o resto do ano.

Pedro – A gente não vai. Ainda assim a escola vai continuar uma merda o resto do ano.

*Caio para na frente da porta de seu antigo quarto. A porta está fechada, mas ele fica lá, no corredor, como se olhasse pra dentro, como se conseguisse ver com clareza o cômodo mesmo estando do lado de fora.*

Caio – Quando a gente mudou, minha mãe deixou eu escolher a cor do meu quarto. Eu pintei de azul. Eu pedi também uma cama em forma de foguete, mas minha mãe disse que eu crescia rápido demais e não valia a pena gastar tanto dinheiro pra depois de dois anos eu não caber nela.

Vanessa – (*ainda se arrumando em frente ao espelho*) Tá. No João também não acontecia nada de interessante.

Pedro – É. Acho que é tudo a mesma merda mesmo.

Caio – Mas ela deixou eu colar estrelas que brilham no escuro no teto, fiz questão de montar as constelações como elas são mesmo, eu pesquisei muito antes de colar. Eu gostava de deitar lá e olhar pra cima.

Vanessa – O que salvava no João eram as pessoas.

Pedro – É. Tinha uma galera legal, que a gente conhecia desde pirralho. Aqui é um saco, o bairro, as pessoas, os carrões, parece que tudo é de mentira. E a escola parece um shopping. Gostava mais do João, da casinha, das árvores. Você não olha aquelas salas e acha que se encostar na parede ela cai?

Vanessa – (ri) Total.

Pedro – E só tem babaca. Não quero saber onde foi a porra da loja que você comprou seu boné, caralho. Caguei pra isso. É só um boné.

Vanessa – É. Primeiro achei que fosse só na minha sala, mas não.

Pedro – Ficam competindo por causa de babaquice, não sabem nada, não conhecem nada, não ouvem uma porra duma música boa. Bando de babaca.

Caio – Eles vieram pra cá faz duas semanas. Na primeira, eu não conseguia dormir. Eu dormia e sonhava que a casa tava falando. A televisão, o sofá, a cama, os pratos na cozinha, as estrelas grudadas no teto do quarto, elas falavam sem parar, falavam mal de mim, me xingavam, depois falavam meus segredos, coisas que tinham acontecido ali antes, contavam tudo pra eles. Eram vozes que repetiam, repetiam, como um eco na minha cabeça. Eu acordava assustado e não conseguia mais dormir.

Vanessa – Nem na turma do Luca não salva ninguém.

Pedro – Tudo babaca.

Vanessa – Já tão falando merda pra ele. E isso porque não sabem o motivo da gente mudar de escola. Imagina se alguém descobrir...

Pedro – O que?

Vanessa – Sei lá, da mamãe. De com quem a gente mora.

Pedro – Cê pretende contar?

Vanessa – Eu não.

Pedro – Nem eu.

Vanessa – Se alguém souber, a gente tá fudido. Você viu o vídeo semana passada?

Pedro – O vídeo dele? Não vi. Mas vi uns caras comentando.

Vanessa – É muito engraçado.

*Acha o vídeo no celular, entrega pra Pedro. Pedro assiste. Conseguimos ouvir alguns sons, comentários feitos no vídeo. Os dois riem. Caio está na cozinha nesse momento, sentado na mesa, como se fosse tomar café.*

Caio – Também sonhava muito que eu tava caindo. O tempo inteiro.

*Caio não se move, não faz nada, fica apenas ouvindo as coisas que falam dele, como no sonho, como paralisado.*

Pedro – Putaquepariu.

Vanessa – Ainda bem que ninguém inventou de levar a gente pra escola, todo mundo junto.

Pedro – Só faltava essa.

Caio – Mas não era assustador. Era gostoso. Como se a gravidade não existisse.

Vanessa – Imagina, chegar junto com ele. Descer do mesmo carro. A escola toda vendo.

Pedro – Foda.

Vanessa – Todo mundo ia saber. Ele é muito zoado. Sempre estudou lá e sempre foi zoado.

Caio – Como se eu estivesse voando, como se eu fosse livre, pelo menos um pouco.

Pedro – Também, esquisito pra caralho.

Vanessa – É isso, né. No mundo tem as pessoas piadistas e as pessoas piada. Ou você é um ou você é outro. (*Vanessa repete a frase várias vezes, como se fossem as vozes no sonho de Caio*) As pessoas piadistas e as pessoas piada. Ou você é um ou você é outro. Ou você é um ou você é outro. Pessoas piada. Piada. Piada.

*Caio deixa tudo sobre a mesa, levanta, veste o capacete e sai.*

Pedro – E ele fica quieto. Vê os caras falando e fica quieto. Não parte pra cima. Se algum babaca vier falar merda pra mim, eu dou na cara.

Vanessa – (*Irônica*) Uau. Como você é foda.

Pedro – Vai se fuder, não fico quieto, não. Se começarem a falar muita merda pro Luca, vão ver, também.

Vanessa – Você fala merda pro Luca o tempo todo.

Pedro – Foda-se. Eu sou irmão. Eu posso falar merda pra ele.

*Luca volta do banheiro. Pedro se levanta para ir também, cruza com ele na porta.*

Pedro – (para Luca) Corta esse cabelo.

Luca – Eu gosto assim.

Vanessa – Se quiser tomar café, vem logo. (no celular) Oi, bebezinho, bom dia.

*Vanessa sai do quarto. Luca se olha no espelho do quarto. Arruma o cabelo. Faz também as mil caretas como Vanessa acabou de fazer. Pega sua mochila e vai pra cozinha.*

Vanessa – (ao celular) Hoje não dá, eu te falei ontem. (TR) É porque é muito longe, e meu pai não deixa eu ficar cruzando a cidade assim, mas no final de semana você pode vir pra cá.

*Pedro sai do banheiro, pega suas coisas e também vai se sentar na cozinha.*

Luca – (pra Pedro) Você acha que ainda vai demorar muito?

Pedro – Não sei.

Luca – Mas o que você acha?

Pedro – Pensa que é uma viagem de férias.

Luca – Não é férias se a gente tá indo pra escola.

Pedro – Come logo.

Vanessa – (celular) Mas a gente se fala todo dia, não fala? Não é bom? (pros irmãos) Esse pão que ela compra é uma merda. Odeio isso.

Luca – Quando a pessoa tá doente, ela vai pro hospital, não é?

Pedro – É.

Luca – Então por que a gente que muda, se quem tá doente é ela?

Luca – A gente podia estar em casa.

Pedro – Mas ela não ia estar lá, ia estar no tal hospital.

Luca – É.

Pedro – Então ela não ia estar com você.

Luca – Não.

(pausa)

Pedro – Então.

Vanessa – (celular) Eu sei que não é a mesma coisa que a gente se ver de verdade, mas é bom, não é?

Luca – Mas a gente ia tá em casa.

(pausa)

Vanessa – Cadê o esquisito?

Luca – Ele já foi, eu ouvi ele saindo.

Luca – Por que ele nunca vai com a gente?

Vanessa – Porque a gente não faz questão. (celular) Mas não é culpa minha. Eu queria ir.

Pedro – É melhor assim, acredita. Melhor pra gente.

Vanessa – (celular) Tá bom, depois a gente se fala, então.

*Todos pegam suas coisas de café da manhã, vão saindo de casa e comendo.*

\*\*\*

*Passagem de tempo. Tarde, após a escola. Caio entra pela porta da cozinha, com o capacete, novamente apático, movimentos lentos. Entra e olha em volta, procura pra ver se tem alguém. Vai até a sala, dá uma leve olhada pra seu antigo quarto. O telefone toca.*

Caio – Oi, mãe. (TR – tempo de resposta) Tudo. (TR) Certeza. (TR) Não tô desanimado. (TR) Não, não tô. (TR) Nada. (TR) Não aconteceu nada, já falei. (TR) Não. (TR) Eu vim sozinho. (TR) Não quis esperar. (TR) Eu não sei, deviam ter aula a tarde. (TR) Então liga pra eles e pergunta. (TR) Não. (TR) Que volta? (TR) Não quero dar volta nenhuma. (TR) Por que não. (TR) Não, não tem nada de esquisito. (TR) Que é que você sabe sobre ter a minha idade? (TR) Tá. (TR) Tá, desculpa. (TR) Que barriga cheia? (TR) E daí, eu não tô numa competição pra ver quem sofre mais no mundo. (TR) Não é culpa minha se eles passam fome, mãe. (TR) Tá. Deixa pra lá. (TR) Eu não vou ficar trancado aqui. (TR) Não, não, eu já marquei com um amigo. (TR) Você não conhece. (TR) É, é da escola. (TR) Não, eu que vou na casa dele. (TR) Daqui a pouco. Só vou deixar a mochila e já vou sair. (TR) É, já tô saindo.. (TR) Que bom. (TR) Que bom que você fica feliz. (TR) Vai, vai ser divertido, sim. (TR) Tá, eu sei, mãe. (TR) Tá, tá, entendi. Tá. Tchau. (TR) Tá, me deixa desligar que eu já tô indo pra lá. (TR) Aviso. Aviso. Tchau.

*Ele desliga. Caminha até a varanda. Obviamente não pretende sair.*

Caio – “Que problemas são esses que você acha que tem?”

*Caio vai até a beira da varanda e olha pra baixo.*

Caio – Minha mãe ia chorar. O Eduardo não. Meu pai, não sei, acho que nem ia ficar sabendo. (pausa) Ela ia chorar. Duas semanas, um mês. Depois, só lembranças boas, e não eu de verdade. Quantas noites ela passou em claro pensando no meu futuro? E aí de repente não tem mais futuro, pronto. Não tem mais ela pensando que não pode pagar a escola que ela gostaria, ou querendo que eu fosse menos esquisito, que eu tivesse mais amigos e fosse melhor em educação física, que um dia eu entrasse na faculdade, arranjassem uma namorada e um emprego. Talvez ela inventasse uma história pra ela mesma de que eu era tudo isso que ela sempre sonhou, e falasse de mim com orgulho, inventasse uma versão minha que deu certo, um cara que é tudo o que ela queria que eu fosse, mas não vou ser. Porque eu não estaria aqui, do lado, mostrando pra ela que não é bem assim. Eu vou embora e fica só o melhor de mim. Mas se eu fico, e viro um merda de adulto, e vamos combinar que as probabilidades são bem grandes, ela vai passar a vida inteira se culpando por isso. Eu só queria facilitar tudo pra ela. Talvez eu possa fazer isso certo, fazer uma coisa certa, uma vez na vida, fazer o que esperam de mim, o que ela gostaria que eu fizesse. Sumir.

*Luca chega da escola. Caio ouve ele chegar. Luca deixa a mochila no quarto, enquanto Caio vai pro quarto dos fundos, tira o videogame da caixa e recomeça a mexer. Troca e analisa peças, puxa fios. Luca olha-se novamente no espelho, arruma o cabelo, mais caras e bocas. Para por um tempo, vai até a mochila e pega um batom. Volta ao espelho, pensa em passar, olha pra porta, pensa de novo, desiste. Coloca o batom de volta na mochila. Anda pela casa, procura o que fazer por um bom tempo. Para na porta do quarto de Caio de novo, olha pra dentro. Eles se olham novamente, por um tempo. Caio volta a olhar o videogame.*

Luca – O que é isso?

Caio – Um videogame.

Luca – Que?

Caio – É tipo o avô dos videogames.

Luca – E você joga?

Caio – Não funciona.

Luca – Você guarda um negócio velho que não serve pra nada?

Caio – As pessoas guardam muitas coisas que não servem pra nada. (pausa)

Luca – Você acha que consegue consertar?

Caio – Acho que não. (pausa) Era do meu pai. Queria saber como ele era. (pausa) Como funciona por dentro.

Luca – Esses são os jogos?

Caio – É.

Luca – (*lendo*) Enduro.

Caio – É de corrida.

Luca – E esse?

Caio – Era um carinha que corria e pulava uns obstáculos, se pendurava no cipó, pulava o lago, umas coisas assim. Meio bobo.

Luca – E esse, Space Invaders?

Caio – Tinha uma nave espacial, e as outras naves vinham pra cima de você, você atirava nelas, e se elas chegassesem muito perto você perdia.

Luca – Só isso?

Caio – Só. Era só não deixar eles chegarem perto.

Luca – Eu gosto de naves espaciais.

Caio – Eu também.

Luca – Mas esse jogo não parece muito legal.

Caio – Não é. Nem tem cor direito. Olha. (*mostra no computador/tablet pra ele*)

Luca – Esse é tipo uma imitação?

Caio – Mais ou menos.

*Luca brinca com o jogo por um tempo. Caio acompanha.*

Caio – Nem dava pra fazer muita coisa mesmo, o controle era estranho, tem só esses botões só.

(*Silêncio*)

Luca – Faz tempo que você não fala com ele?

Caio – Nunca mais falei.

Luca – Vocês não saem nem de fim de semana? (*Caio não responde*) Meu pai levava a gente pra almoçar de fim de semana. De vez em quando.

Caio – Eu sei. (*Silêncio*) No começo ele levava. Eu era bem pequeno. Uma vez a gente foi num lugar que tinha um sorvete azul. Era bonito, mas não tinha gosto de nada. Minha mãe diz que depois ele começou a aparecer menos, mandava

uma mensagem de vez em quando, aparecia no Natal ou no aniversário, e um dia ele apareceu pra me buscar e eu respondi: pra que? E não quis descer. E ela disse isso pra ele e ele não apareceu mais.

Luca – Faz quanto tempo isso?

Caio – Uns dez, onze anos?

Luca – Nossa, é a minha idade.

(pausa)

Caio - Não sei porque eu fiz isso. Acho que não fazia sentido andar por aí com um cara que eu não conhecia. Não sei se ele ficou esperando que eu falasse alguma coisa, que eu mudasse de ideia. Eu nunca falei. Ele nunca voltou.

(Silêncio)

Luca – E isso te deixa triste?

Caio – (pensa) Curioso, acho.

Luca – De onde ele tá agora?

Caio – É.

Luca – Será que ele tem outra família?

Caio – Por que?

Luca – Não sei. O meu pai tinha.

Caio – É.

Luca – Acho que a gente via mais meu pai na outra casa que agora.

Caio – É nada.

Luca – É sim. Antes a gente se via pouco, mas quando se via, era legal. A gente ia em lugares diferentes, e era como se ele tivesse um tempo só pra isso. Sabia que o cachorro, quando você vai dar uma volta com ele, ele fica muito feliz porque ele sente que você tá dedicando um tempo só pra ele, tá deixando tudo de lado pra prestar atenção só nele, sabe. Eu sentia meio isso também. Agora a gente mora aqui mas ele tá sempre fazendo as coisas dele. Ele vai brigas se a gente fizer xixi no sofá mas ele não leva a gente pra passear.

Caio – Entendi.

Luca – Ou como se a gente fosse o sofá. Ele sabe que a gente tá lá, e se um dia ele chegar e a gente não estiver ele vai achar estranho, mas ele não para pra prestar atenção no sofá todo dia, porque o sofá é só um sofá, não é novidade... (pausa) Só se tiver visita, aí a pessoa vai dizer “nossa, que bonito o seu sofá” e ele vai ficar orgulhoso e falar bem do sofá, mas na verdade ele nem liga tanto assim.

Caio – Sei.

Luca – A minha mãe cuidava melhor da gente. Quando ela tava bem. Acho que ela gostava mesmo, de ser mãe. Depois parou.

Caio – Como assim parou?

Luca – Sabe quando você tem um dia ruim em que tudo dá errado, e aí você fica esperando acabar pra que no dia seguinte as coisas sejam melhores? Aí imagina que você acorda no outro dia e as coisas não estão melhores. E você tenta de novo no dia seguinte mas também não dá certo. É como se você estivesse preso numa viagem no tempo, repetindo um mesmo dia na sua vida, um dia ruim.

Caio – Sei.

Luca – Então, eu acho que ela tá nesse dia ruim eterno, esperando ele acabar, a gente veio pra cá enquanto esse dia não acaba. Só que a cada dia falta só mais um dia.

Caio – Você sente falta dela?

Luca – Muita. (*longa pausa*) Mas se acontecesse essa mesma coisa, mas o dia que repete fosse um dia muito bom, seria maravilhoso, não seria?

Caio – (*narra*) O Luca ainda conseguia ver felicidade nas coisas, eu tinha muita inveja dele. Ele tinha uma, não sei, inocência. Se ele pudesse repetir um dia, ia repetir um dia da idade que ele tem, e não da que eu tenho. Certeza. Quando você é criança é esperado que você não saiba de nada. Ser ignorante é meio que a sua função no mundo, você tá lá pra fazer as perguntas, e todo mundo acha fofo quando você fica falando de cachorro e sofá e viagem no tempo e sei lá que merda. Aí você fica mais velho e acha chato não saber. Você não pergunta as coisas porque já não é tão simples assim, e aí você fica quieto. Cada vez mais, você fica quieto. Eu fiquei.

*Continuam os dois no quarto, Caio mexendo no antigo videogame e Luca jogando no simulador. Pedro e Vanessa também voltam da escola. Pedro joga suas coisas na sala e senta no sofá. Vanessa no celular, como sempre.*

Vanessa – (*grava ao telefone*) Oi, Pri, então, tava pesquisando aqui e achei uns penteados muito lindos. Vai combinar muito com o meu vestido. (*olha a resposta, ou ouve o áudio de resposta. Enquanto isso, ela pega um vestido no guarda-roupas*)

Caio – (*narra*) A Vanessa só falava daquela festa, só falou disso por meses.

Vanessa – O primeiro vai ser um dos que eu já tenho, mas o da hora da valsa acho que vou mandar fazer. Porque na hora da valsa tem que ser o vestido. (*Coloca o vestido na frente, se olha no espelho. É um vestido longo de debutante*)

Caio – Ela não queria uma festa qualquer, ela tinha que ter a festa. Queria o melhor salão. O melhor vestido. A melhor comida. Eu achava ela metida pra cacete.

Vanessa – Ah, não, aquele vestido dela era muito ruim. Aliás, a festa dela foi muito ruim, né? (*Ela prova o vestido*)

Caio – Mas tinha inveja dela também, porque ela conseguia se interessar por alguma coisa. Esperar pela festa parecia até melhor que a própria festa.

Vanessa – O cabelo dela tava horroso. A música era ruim demais. A decoração era cafona. (*Pega um estojo de maquiagens, mexe nele, rindo.*)

Caio – É bom esperar pelas coisas. Hoje eu não conto os dias pra mais nada, nem aniversario, nem Natal, nem uma aula qualquer na escola, nem férias, nem nada. Os dias são iguais. Eu conto só pra não me perder no tempo, mesmo.

Vanessa – Ah, isso é. Mas também, o pai dela é muito rico, se eu tivesse metade do dinheiro que o pai dela tem eu faria uma festa mil vezes melhor. (*Fala pra si mesma*) Cadê meu batom rosa? (*Grita*) Luca, cadê meu batom rosa?? (*Fala no celular, voz de namorada*) Oi, onde você tava? (*TR*) Ah, entendi. É que eu tava te chamando há um tempão. (*TR. Continua procurando o batom*) Que amiguinhos da escola nova? Os caras são todos uns babacas. (*TR*) Ah, até tem, mas pouca gente. Elas não são tão minhas amigas. Perae. (*grita*) Luca, você mexeu nas minhas maquiagens de novo? LUCA!

Luca – (*também grita*) Já vou!

Pedro – (*também grita*) Para de gritar, caralho!

Vanessa – Que saco! (*Anda até o banheiro, procura de novo. No celular*) Claro que não. A festa é só pra quem eu gosto. Você vai dançar comigo, né? (*TR*) Mas você tinha prometido! (*TR*) Por que estranho? (*grita*) Luca!!!!

Pedro – Luca, caralho!

Luca – Já vou.

Vanessa – Mas não tem nada a ver com ser sério, é só ir lá e dançar. (*TR*) Como assim dar um tempo? (*TR*) Mas não é culpa minha, é essa mudança, você sabe. (*grita*) Luca, caralho, cadê??

Pedro – (*grita*) Luca! (*Pedro levanta e vai até a porta do quarto dos fundos*)

Vanessa – (*mais baixo*) Por que você tá falando isso? (*TR*) Você sabe que eu gosto. (*TR*) Que prova? (*TR*) A gente já falou sobre isso. Eu não sei se quero.

Pedro – (*na porta do quarto*) Luca, porra, que saco.

Luca – Eu já vou.

Caio – (*narra*) O Pedro era o mais velho. Ele tinha certeza de quem ele era, do que gostava, e mais ainda do que não gostava.

Vanessa – Eu não sei se tô pronta, só isso. (TR) Uma coisa não tem nada a ver com a outra. (TR) Claro que eu gosto. (TR) Claro que eu confio em você! (TR) Então o que? (grita) Luca, putaquepariu! (fecha a porta com força, irritada)

Caio – Era rebelde, mal-educado. E achava isso legal.

Pedro – Que merda de mania idiota.

Luca – (*levanta e sai do quarto*) Tô indo.

Pedro – Puta coisa de viadinho.

*Luca sai do quarto dos fundos e vai atrás de Vanessa. Ele vê que ela se trancou no banheiro e entra no quarto.*

Caio – Eu também achava. Ele era o cara que podia ser tudo que eu não era. O filho que a minha mãe com certeza ia preferir ter.

Vanessa – Tá, tá bom. Eu sei. (TR) Jura que não mostra, né? (TR. Ela ri) Eu também gosto.

*Pedro olha para Caio dentro do quarto dos fundos. Os dois se encaram por alguns segundos. Ninguém diz nada.*

Caio – Porque ele falava o que ele bem entendia. Pra que não é muito bom com palavras, como eu, parecia ser uma coisa bem boa.

*Luca pega o vestido que ficou em cima da cama, coloca em frente ao corpo e se olha no espelho, repetindo a cena que a irmã acabou de fazer. Vanessa está no banheiro, também se olha no espelho e examina o próprio corpo. Pedro e Caio continuam se encarando. Caio coloca o capacete. Mesmo efeito do fim da primeira cena. Nenhum som, enquanto Pedro volta para a sala; Luca se admira no espelho com o vestido de Vanessa; e Vanessa coloca o celular por baixo do vestido e tira fotos. Ela repete a ação algumas vezes.*

## **CENA 03**

*Repetição do início da cena anterior. Vanessa está no banheiro. Luca se levanta, vai até a porta do banheiro, Vanessa sai para que ele entre. Vanessa vai ao quarto dos três e Pedro ainda está deitado. Caio também está no quarto.*

Vanessa – Pedro, seis e meia.

Pedro – Que?

Vanessa – Seis e meia. Você não vai hoje de novo?

Pedro – Não.

Vanessa – Por que não?

Pedro – Por que sim?

Vanessa – Você não foi a semana toda.

Pedro – Se eu for vou dormir a aula toda. Que diferença faz dormir lá ou em casa?

Vanessa – Cê vai bombar.

Pedro – Foda-se. Foda-se escola, foda-se faculdade, foda-se essa merda toda.

Vanessa – Tá bom que você não vai pra faculdade. O pai te mata.

Pedro – Não vou.

Vanessa – Vai fazer o que, então? Trabalhar com ele?

Pedro – Nem fudendo.

Vanessa – E cê acha que ele vai te dar dinheiro por mais quanto tempo?

Pedro – Eu peço pra mãe.

Vanessa – Se um dia ela voltar a trabalhar...

Pedro – Ela tem grana guardada.

Vanessa – Que não vai durar pra sempre.

Pedro – Vai durar bastante.

Vanessa – E quando acabar?

Pedro – Eu vou pra praia, vender miçanga.

Vanessa – Não fala merda.

Pedro – Vou limpar chão, vou andar com cachorro. Vou fazer qualquer coisa. Quero que se foda. Mas não vou pra essa porra de escola nunca mais.

*Caio acorda, senta-se na cama. Pega um comprimido e engole.*

Vanessa – Tão mexendo com você lá, né?

Pedro – Claro que não, trouxa.

Vanessa – Então o que?

Pedro – Só que eu acho babaca, só isso. Não vou ficar amigo daqueles caras, só tenho mais um ano. Não vale a pena.

Vanessa – O pai vai falar merda...

Pedro – O pai sempre fala merda.

*Vanessa sai do quarto. Encontra-se com Luca na cozinha. Eles sentam pra comer. Caio levanta, pega sua mochila, começa a ir em direção a cozinha, mas percebe que os outros estão lá e volta a se fechar no quarto. Muito nervoso, sem saber como agir.*

Caio – (pra si mesmo) Você só vai lá e vai tomar café. Só.

*Sai do quarto. Anda até a cozinha. Os outros já estão na mesa. Caio senta-se com eles. Apoia o capacete na mesa. Todos se entreolham.*

Luca – Oi.

*Caio não responde. Vanessa ri discretamente. Todos continuam comendo. Enquanto Caio fala, eles continuam comendo. Luca encara tudo com naturalidade; Caio sempre se atrapalhando, sem conseguir olhar pros outros; Vanessa tentando esconder o riso, às vezes digitando algo no celular.*

Caio – (narra) Eu nunca me apaixonei. Não de verdade. Mas já vi gente falando disso, vi em filmes, em livros, em muito lugar, e o que as pessoas dizem é que se apaixonar é achar que a pessoa pode reparar em você a qualquer momento, e você não quer fazer merda justo nesse momento. Então você pensa o tempo todo em não agir feito idiota, pensa: o que será que ele tá pensando do que eu tô dizendo? Será que ele tá percebendo que enquanto eu tô dizendo eu tô pensando sobre o que será que ele tá pensando sobre o que tô dizendo? Você repara em você mesmo, o jeito ridículo que você anda, e que você gagueja

quando fala, e se arrepende de cada palavra, mesmo que você tenha preparado e ensaiado mil vezes aquela piada, e aí lembra que tem uma espinha no meio da sua testa e será que ela reparou? Será que os outros repararam que me importa saber se ela reparou? Será que dei mole, será que deveria dar mais mole, será que ele vai rir quando perceber que eu sinto isso, vai rir comigo ou rir de mim, e seu rosto começa a queimar, porque você tá vermelho, e quanto mais você quer controlar mais vermelho você fica, e é sempre assim, cagada completa, putaquepariu, que desespero. (pausa)

*Caio derruba algo. Vanessa começa a rir discretamente.*

Caio – Então, é exatamente assim que eu me sinto, sempre me senti, o tempo todo. Como se eu tivesse apaixonado por todas as pessoas do mundo, porque todas as pessoas do mundo me fazem sentir assim, desconfortável na minha própria pele.

*Vanessa ri descontroladamente. A risada dela ecoa, como no sonho de Caio. Caio fica desconcertado, pega o capacete e sai, sem falar com ninguém.*

Luca – (pra Vanessa) Como você é idiota.

*Luca pega suas coisas também, sai logo depois. Vanessa é a última a sair.*

Vanessa – (ao celular) Bom dia, bebê! Ainda não acordou? Me responde!

\*\*\*\*

*Passagem de tempo. Pedro está na sala, fumando. Caio volta da escola e dá de cara com ele. Está obviamente incomodado mas não diz nada.*

Pedro – (provoca) Algum problema?

Caio – Minha mãe não vai gostar.

Pedro – Sua mãe não tá. Se ninguém contar, ela nunca vai ficar sabendo.

*Caio não responde. Pega suas coisas e vai pro quarto dos fundos.*

Caio – (narra) Toda história tem que ter um antagonista. Pronto. A minha também tinha. Agora era só esperar, deixar as coisas acontecerem, as merdas aumentarem, tudo piorar até ficar insuportável, porque é sempre assim. Uma hora ia ficar impossível e alguém ia ter que ir embora. Ou eles. Ou eu.

*Depois de um tempo, Vanessa e Luca chegam. Luca vai pro quarto dos três, mexe nas roupas, procura o que fazer. Vanessa vai pra sala e senta no sofá junto com Pedro.*

Vanessa – E aí?

Pedro – Que?

Vanessa – Que cê fez o dia todo?

Pedro – Merda nenhuma, e você?

Vanessa – Nada.

Pedro – Ótimo.

Vanessa – (pensa um pouco) Sabe a grávida?

Pedro – Quem?

Vanessa – A menina do primeiro ano que tá grávida.

Pedro – Não.

Vanessa – Uma do primeiro ano, magrela, de cabelo escorrido. Meio loira, mas tingida. Não sei o nome. Tem uma cara meio de gambá, assim.

Pedro – (ri) Que?

Vanessa – Ah, sei lá, uma esquisita.

Pedro – Não sei.

Vanessa – Ah, enfim. Descobriram que ela tá grávida, isso foi semana passada. Aí essa semana ela ficou sozinha a semana toda. No intervalo, ninguém ficou com ela. Os caras da minha sala começaram a cantar uma musiquinha pra ela, meio chamando ela de vagabunda... ela chorou e depois saiu xingando todo mundo...

Pedro – Que zoadão.

Vanessa – Eu vi que ela tava sozinha hoje, até pensei em falar com ela, mas fiquei com medo, e as meninas também ficaram falando pra eu não ir senão iam me zoar também. Aí logo depois aconteceu isso.

Pedro – A mina, também, vacilona.

Vanessa – Por que?

Pedro – Porra, primeiro ano, grávida.

Vanessa – E o que eles tem a ver com isso?

Pedro – Ah, sei lá.

Vanessa – Ninguém defendeu ela. Ninguém. Nem nenhum dos professores, ninguém. Ninguém falou nada.

Pedro – Nem você.

Vanessa – É, nem eu... (pausa) Essa escola é muito grande, parece que as pessoas mal se conhecem. É meio cada um por si.

Pedro – Sempre é.

Vanessa – E se a gente pedisse pra voltar pro João?

Pedro – Não ia rolar.

Vanessa – Por que não?

Pedro – Por que é do outro lado da cidade, porra. Aqui é o fim do mundo.

Vanessa – A gente sai mais cedo, vai de metrô.

Pedro – Não fala merda.

Vanessa – Você disse que gostava mais de lá.

Pedro – Eu disse que gostava dos caras de lá.

Vanessa – Então.

Pedro – Eu gostava de ir num lugar que eu já conhecia, de falar com as mesmas pessoas... gostava da nossa vida de antes... não quer dizer que eu vou aguentar a escola, nem os professores, nem as aulas...

Vanessa – Mas não ia ser melhor?

Pedro – Nem pegar metrô cheio todo dia. (*Vanessa não responde*) Fora que ia ser mó gasto. Ele não tem como pagar pra nós três no João, você sabe disso.

Vanessa – E a mãe?

Pedro – Aquela que não tá trabalhando?

Vanessa – Não aguento essa escola nova.

Pedro – Não vai, ué.

Vanessa – Não posso não ir.

Pedro – Por que não?

Vanessa – Por que não. Deixa o pai saber que você não tá indo.

Pedro – Há quanto tempo a gente tá aqui, ele sentou pra conversar com você quantas vezes? Não vai nem perceber.

Vanessa – E se eu fugisse? Eu podia fugir aos poucos. Levo uma peça de roupa por dia pra escola, na bolsa, e deixo num canto, uma por dia, ninguém vai perceber. Deixo com alguém. Depois de umas semanas vai ter roupa bastante com essa pessoa, eu saio daqui, compro uma mala, encho com as coisas, vou embora na hora que começa a aula, e só vão perceber quando eu voltar da escola, quando eu não voltar da escola. Se eu fugir no começo da aula, até o fim da aula eu vou ter viajado por sete horas, eu vou estar longe, dá pra sair do estado no tempo em que a gente fica sentado naquela cadeira ouvindo merda. Quando pensarem em me procurar eu já vou estar longe.

Pedro – E pra onde você iria?

Vanessa – Não sei. (pausa) Pra casa?

Pedro – É a ideia mais idiota que eu já ouvi.

(Silêncio)

Vanessa – Você falou com a mãe hoje?

Pedro – Não, e você?

Vanessa – Também não.

Pedro – Mandei mensagem, ela não viu.

Vanessa – Que horas era?

Pedro – De manhã.

Vanessa – E ela não viu até agora?

Pedro – Parece que não.

Vanessa – Faz quase dois meses.

Pedro – Tô ligado.

Vanessa – Às vezes parece que ela não vai ficar boa nunca, e que a gente vai ter que morar aqui pra sempre.

Pedro – Cala a boca.

Vanessa – Não era pra ela já ter mudado, alguma coisa, pelo menos?

Pedro – Não sei. Não sou médico.

Vanessa – Ela largou mão de vez.

Pedro – Ela tá se tratando.

Vanessa – Faz tempo. Nunca resolveu.

Pedro – Dessa vez é diferente.

Vanessa – Da outra vez ela ficou boa em menos tempo.

Pedro – Ficou nada. Ela ficou bem mal da outra vez.

Vanessa – Ela tá bem mal agora.

Pedro – Da outra vez tava pior.

Vanessa – Claro que não.

Pedro – Aquele cara tinha terminado com ela.

Vanessa – Eu lembro.

Pedro – Babaca.

Vanessa – Ela gostava dele.

Pedro – Idiota que ela foi.

Vanessa – Olha quem fala.

Pedro – O que?

Vanessa – Você quase morreu quando a Karina terminou com você.

Pedro – Nada a ver.

Vanessa – Claro que foi. Chorou e tudo.

Pedro – Cala a boca.

Vanessa – Aposto que tem saudade dela até hoje.

Pedro – Ela nem era tudo isso.

Vanessa – Não era isso que você falava antes.

Pedro – Vai se fuder.

Vanessa – Será que ela largou o remédio de novo?

Pedro – Sei lá.

Vanessa – Falta só um mês pra festa, era pra gente ver um monte de coisa que precisa resolver, ela não responde as minhas mensagens, eu não posso ir sozinha, o pai não tá nem aí.

Pedro – Tanta coisa pra se preocupar e você pensando nessa merda de festa.

Vanessa – Não é merda.

Pedro – É, sim. É uma merda de uma festa.

Vanessa – Pra mim é importante.

Pedro – Só pra você.

Vanessa – Pelo menos eu me interesso por alguma coisa. Não tô largando mão de tudo. Que nem você. Ou ela.

Pedro – Não me compara com ela.

Vanessa – Você tá fazendo igualzinho.

Pedro – Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Vanessa – Tem, sim.

Pedro – Não tem, porra nenhuma. Cala a sua boca.

Vanessa – Tem, sim. Você não tá ajudando.

Pedro – Uma bosta de uma festa sim, ajuda muito.

Vanessa – Pelo menos tô dando outra coisa pra ela pensar.

Pedro – Tudo que ela não quer.

Vanessa – Você não sabe o que ela quer.

Pedro – E você queria que eu fizesse o que?

Vanessa – Não sei. Ir pra escola. No mínimo.

Pedro – Pra que? O mundo tá caindo, a vida toda uma merda, minha mãe definhando largada numa casa, e eu tenho que ficar numa porra duma sala resolvendo equação, pensando em nota de corte de vestibular? Que adianta ser a porra dum bom aluno, fazer faculdade e o caralho, se é pra acabar deitado numa porra dum sofá olhando pro teto?

Vanessa – Você já tá fazendo isso.

Pedro – Eu não tenho filho, não tenho emprego, não tenho 43 anos na cara.

Vanessa – Não é culpa dela. Ela tá doente.

Pedro – Você mora aqui porque quer? Você vai na escola que quer? Vai ter a porra da festa que você quer? Não, você não tá feliz porra nenhuma, e a culpa é dela, dela e desse bosta que mandou a gente vir morar nessa merda de apartamento e tá cagando e andando se isso é bom pra gente ou não. Se ela não sabe lidar com os problemas dela, isso não é problema nosso.

*Pedro levanta irritado e sai da sala. Vanessa continua lá, pega o celular, troca mensagens.*

Vanessa – Como assim? (TR) Ah, já, já mandei sim. Todo mundo manda. (TR) Ué, ele é meu namorado.

*Caio está no quarto dos fundos. Ouvindo Bowie. Luca chega. Ele está maquiado.*

Luca – Que você tá fazendo?

Caio – Ouvindo uns discos antigos.

Luca – Você gosta muito de coisa velha.

Caio – Eu gosto de pensar que tenho coisas que ninguém da minha idade tem. Que são só minhas. Mesmo que todo mundo ache ridículo.

Luca – Que é isso que tá tocando?

Caio – Bowie.

Luca – Que?

Caio – David Bowie.

Luca – É bom.

Caio – Você não conhecia?

Luca – Não.

Caio – É esse cara aqui. (*Vai pegar um dos discos*)

Vanessa – (*na sala, ao celular*) Não interessa se oficial ou não, ele é. Eu confio nele. (TR) Todo mundo manda, vai. (TR) Você mesma disse que também já mandou.

*Caio mostra a capa do disco pra Luca.*

Luca – Ele tem um olho de cada cor?

Caio – Ele apanhou na escola, levou um soco no olho. Aí o olho ficou assim.

Luca – Pra sempre?

Luca – Pra sempre.

Caio – O cabelo é legal.

Caio – Ele é todo legal. (*pausa*) Ele era diferente. Ele criava esses personagens, que eram ele mas não eram ele. Cada disco tava de um jeito, um estilo, um visual. Ele dizia que era gay, depois casou com uma mulher, aí falou que era bissexual, aí casou com outra mulher e teve filhos e tudo mais... Acho que ele era genial demais pro mundo. Ele não cabia aqui, não se encaixava. Nunca coube. Tem uma música dele, que eu gosto tanto. É sobre esse astronauta que vai pra Lua, e de repente ele se encanta tanto com a Lua, e com a terra vista de cima, e o espaço, que ele resolve ficar lá. Não sei, ele não diz o porque. Mas ele vai embora, pra sempre. O cara tá lá, na lua, e ele pensa: pra que eu vou voltar? Pra quem? E ele decide ficar lá. Pra sempre.

*Os dois observam por um tempo a capa do disco, encantados. Silêncio.*

Caio – Você já teve vontade de ir embora?

Luca – Ir embora, viajar?

Caio – Ir embora, mesmo.

Luca – Pra onde?

Caio – Pra Lua. Pra Marte. Nada. Lugar nenhum. Qualquer lugar que não aqui.

Luca – Acho que ia ser legal ir pra Marte.

Caio – A gente não cabe no mundo, então o mundo que se vire sem a gente.

Luca – Será que existe vida lá mesmo?

Caio – (*sem nem ouvir o outro*) Você não sente que nasceu no lugar errado? Que está aqui por engano? Que tudo que acontece com você comprova isso, que as pessoas dão pistas pra que você entenda isso, que você não cabe aqui, que tá na hora de ir, entrar na nave, no trem, sei lá... de fazer alguma coisa?

Vanessa – (*na sala, ao celular*) Como assim? (TR) Que grupo da sala? (TR) Que grupo da sala? (*Ela sai da sala e se tranca no quarto*)

Luca – Pra onde você iria?

Caio – Qualquer lugar onde eu caiba.

Luca – Será que tem algum lugar onde a gente cabe melhor do que o lugar de onde a gente vem?

Caio – E de onde a gente vem?

Luca – Ah. Nossa casa.

Caio – Que é onde?

*Luca não responde. Silêncio. Caio coloca outra música. Life on Mars. Vanessa continua na sala, no celular.*

Vanessa – (*celular*) Você é muito escroto de fazer isso. Seu bosta. (TR longo. *Ela grita ao celular, está muito nervosa. A música continua tocando, alta*) Alguém mandou. E eu só mandei pra você. Seu merda. (TR. *Vanessa anda de um lado pro outro do quarto. Tira os sapatos e joga longe.*) Louca é a puta que pariu. (*Ela fala agora com a amiga. A música continua subindo de volume. Ela já está descabelada e com o vestido desalinhado*) Pri, me liga. (TR) Pri, por favor, quando der me liga. (*Um tempo passa. Ninguém responde. Ela insiste uma última vez.*) Pri? Você tá aí?

## **CENA 04**

*Mais uma manhã. Pedro ainda está dormindo. Todos os outros estão sentados na cozinha. Luca come, Caio e Vanessa não tocam na comida. Vanessa está praticamente imóvel, desolada.*

Luca – A gente podia só comprar um bolo.

Vanessa – Pra quem?

Luca – Você queria tanto.

Vanessa – Nem sei se queria. Eu só precisava querer. (*silêncio*) Uma vez, eu tinha sua idade, uma menina ia dar uma festa e chamou todo mundo da sala, menos eu. Uma das meninas não se ligou e comentou da festa na minha frente. A dona da festa foi obrigada a me chamar também. Não porque ela queria, mas porque ela ficou com dó. Ou com vergonha. Eu fui na festa. Me senti um lixo. Mas as pessoas gostaram tanto. (*pausa*) Tem muita coisa que a gente faz só pra ser igual a todo mundo.

Luca – Tá. Não precisa de festa. Só o bolo. (*Vanessa não responde*)

Caio – (*narra*) Depois que as fotos vazaram e a Vanessa cancelou a festa, ficou mais fácil de entender. Ela queria a festa mais incrível de todos os tempos porque na cabeça dela, se o motivo das pessoas irem à festa fosse ela mesma, e só, ninguém ia querer ir. Tinha que ter algo a mais. A festa tinha que ser incrível pras pessoas falarem da festa, porque se falassem dela, da Vanessa mesmo, ninguém ia falar tão bem assim.

Luca – Aposto que o papai vai trazer bolo quando chegar.

Vanessa – Ele vai trabalhar até tarde de novo.

Luca – Então, à noite, quando ele chegar.

*Ela nem responde. Olha o celular. Nenhuma mensagem. Joga na mesa de novo.*

Luca – Nem brigadeiro?

Vanessa – Esquece isso.

*Vanessa sai, Luca sai com ela. Caio sai logo depois, com o capacete nas mãos. Pedro continua dormindo.*

\*\*\*

*Passagem de tempo. Vanessa volta da escola e se joga no sofá da sala. Fica um tempo deitada, olhando pra cima, sem dizer nem fazer nada. Caio chega logo depois. Observa Vanessa de longe.*

Caio – (depois de uma longa pausa, como se estivesse criando coragem) Feliz Aniversário.

Vanessa – (sincera) Obrigada.

*Silêncio. Caio ainda olha pra ela.*

Vanessa – Ela não lembrou. Não ligou. Nada. (mais silêncio) Ela passou o dia inteiro deitada no sofá. Certeza. Olhando pro vazio. Tinha dias que a gente saía pra escola e ela tava deitada e quando a gente voltava parecia que ela ainda tava na mesma posição, nem tinha se mexido. Ficava lá deitada, como se o corpo estivesse ali mas ela mesma não estivesse. Mas ela devia estar pensando em alguma coisa. E no começo eu achava que talvez ela tivesse pensando em mim. Em nós. Essa preocupação de mãe, que não dorme quando os filhos tão fora de casa de madrugada, elas dizem que é assim. Mas se ela tivesse pensando em mim, ela teria lembrado. Você não acha?

Caio – Acho que se eu fosse mãe eu lembraria do dia que virei mãe.

Vanessa – Ela já era mãe. O Pedro é mais velho.

Caio – Ah. É.

Vanessa – Mesmo assim. Ela lembraria que hoje eu faço quinze anos, e me contaria histórias de quando ela tinha quinze anos, e como foi terrível pra ela, como ela sentiu vazia e quanto ela achou que ia sofrer pra sempre, mas depois tudo passou, e eu ia saber que não preciso me preocupar porque também vai passar. Mas ela não disse. Porque ela esqueceu. Porque pra ela não passou.

Caio – É muito difícil ter quinze anos.

Vanessa – Você acha? Tenta ser menina.

*Silêncio. Caio senta no sofá ao lado dela.*

Vanessa – Bom, podia ser pior. Se eu ainda estudasse na escola velha. (*Caio não responde*) Sabe o que? Eu não fiz nada de errado. Nada que os outros também não façam. Eu não tenho que ter vergonha, sabe.

Caio – Ele tá errado.

Vanessa – Mas ele continua estudando lá. De boa. Ninguém fala nada.

Caio – É mesmo?

Vanessa – Não sei. Não tenho como saber. Ninguém fala comigo. Mas deve ser. (*pausa*) Tanto faz também, na escola velha, na nova, em todo lugar. A menina que não fica com ninguém é encalhada, a que engravidou no primeiro ano é vagabunda. Todo mundo é feminista mas se acha melhor que a amiga gordinha. Todo mundo é muito moderna mas quer dançar com um príncipe na festa.

Caio – Eu sempre achei isso.

Vanessa – Tô sendo chata? Eu não sei se tô parecendo louca. Como se eu tivesse uma cabeça e agora de repente eu tivesse outra. Aqueles filmes que a personagem é de um jeito, aí passa por um trauma, problema, qualquer coisa, e muda muito, da noite pro dia, sabe. Vira uma pessoa completamente diferente. Filme ruim de adolescente.

Caio – (*narra*) Ela tava, claro, mudando muito e da noite pro dia. Ou eu tinha mudado meu jeito de olhar pra ela, muito e da noite pro dia. Acho que seria melhor se eu contasse mais coisas que aconteceram antes de ela cancelar a festa. Mas achei que fazer assim ia ficar mais, sei lá, dramático. A gente gosta de ver as pessoas mudando. A gente só não gosta de mudança quando é com a gente mesmo. É a primeira vez que escrevo. Não sei se vai ficar bom, no fim.

Vanessa – Bom, que se foda. Se ele quer falar merda, problema dele. Se todo mundo quer falar merda, problema de todo mundo.

*Longo silêncio.*

Caio – Eu acho que ela lembrou, sim.

Vanessa – Lembrou nada.

Caio – Ela é sua mãe mas ela também é uma pessoa. A gente fica triste, às vezes. Ela também.

Vanessa – Sim, mas não é meio esperado alguém de quinze anos não saber lidar com a vida? Alguém com mais que o dobro da idade já não devia saber?

*Pausa.*

CAIO – Eu li um livro outro dia. Nem era tão bom, mas contava a história de um cara de uns 16, 17 anos, ele se vestia com terno e gravata, pegava uma pasta de trabalho, daquelas pretas de couro, saía de casa e pegava o metrô. Era tipo uma experiência científica. Escolhia o adulto que parecia mais infeliz e seguia

pra ver como era o dia dele. Porque ele sabia que um dia no futuro ele também ia ser o adulto mais infeliz do trem, e ele precisava ver de perto como ia ser isso. Ele fez por meses. E era como se todos os adultos que ele via odiassessem seus empregos, reclamassem da vida e da porra toda. (*Pensa um tempo*) Eu acho que não conheço ninguém com mais de dezoito anos que não preferia estar morto.

Vanessa – (ri) É. Tem isso.

Caio – É fácil acreditar no futuro se você ama o presente, acho. Já vi muita gente falando de quando tinha a nossa idade, dizendo: melhor fase da vida. Se essa é a melhor fase, esperar pelo que?

Vanessa – Mas será que alguma coisa valeu a pena? Antes disso tudo começar, será que por algum tempo ela foi feliz?

*Eles ficam em silêncio um tempo. Luca entra na sala, vindo do banheiro. Ele está completamente caracterizado como David Bowie, na fase Ziggy Stardust. Terno azul, cabelos vermelhos, maquiagem. Luca tem um celular na mão, de onde lê algumas coisas.*

Luca – O que é esquizofrenia?

Vanessa – Que?

Luca – Esquizofrenia.

Vanessa – Sei lá.

Caio – É tipo loucura. Mais ou menos isso.

Luca – Eu tava lendo sobre o David Bowie. Tinha muita gente com isso na família dele. Parece que o irmão dele tinha esquizofrenia, e se matou. Muita gente foi pro hospital, ou foram lobotomizados, que eu também não descobri ainda o que é. E ele achava que podia chegar nele. Ele achava que podia ficar louco, perder o controle, só não sabia quando.

*Vanessa levanta, vai tirando o vestido de debutante. Com ele na mão, vai em direção ao quarto.*

Luca – Então ele resolveu fazer as coisas do jeito dele. Ele não podia perder tempo. Vai ver por isso ele era tão diferente, tão... corajoso. Imagina quanto tempo da vida a gente perde tentando ser quem a gente não é.

*Pedro volta. Entra pela cozinha, atordoado, confuso, acelerado. Ele veste terno e gravata e tem uma pasta preta de couro na mão. Vanessa vê ele chegando e vai pra cozinha carregando o vestido.*

Luca – Áí ele foi inventando esses personagens dele. E era como se ele fosse vários, como se ele tivesse várias vidas, ele era vários dele mesmo. Porque, pensa comigo, se um deles sumisse, morresse, ficasse louco, ele tinha os outros. Ele podia ser quem ele queria ser sendo mais de uma pessoa.

Vanessa – (pra Pedro) Onde você tava?

Pedro – Tava por aí.

Vanessa – Por aí onde?

Pedro – Não te interessa.

Vanessa – Nossa, que grosso. (ela vai saindo)

Luca – Por que quem foi que disse que ele tinha que ser uma coisa ou outra?

Caio – O mundo. Mas ele não era do mundo.

Luca – Ele podia ser de tudo um pouco, e tudo misturado.

Caio – Ele foi.

Luca – Não é muito legal?

*Luca senta e continua lendo/pesquisando.*

Pedro – Eu fui visitar a mãe.

Vanessa – (volta) É? E como ela tá?

Pedro – Não sei. Não entrei.

Vanessa – Mas você não foi lá?

Pedro – Fui.

Vanessa – E não entrou em casa? (ele não responde) Você avisou que ia?

Pedro – Não sei o que fui fazer lá. Eu só queria voltar pra casa, eu gostava de lá, eu passei na padaria, passei em frente a casa do Rico e do Tiago, na praça onde a gente andava de bike, dei oi pro Celso na portaria, peguei o elevador mas

na hora de abrir a porta, eu desisti. (pausa) Eu podia ter entrado, se quisesse, mas eu perdi a vontade. Porque tava tudo igual mas não tava, o caminho, as pessoas, o prédio. Não era mais a minha casa. E eu não queria ver como a casa tá agora, porque a última vez que a gente foi já tava foda, e toda vez que eu falo com a mãe eu acho que ela tá pior, e eu não quero nem imaginar como está tudo lá dentro. Eu queria resolver isso tudo, queria ajudar, mas não sirvo pra isso, não sirvo pra nada, que merda, eu não aguento mais!

Vanessa – Eu sei...

*Pedro está muito alterado, gritando, quase fora de controle. Caio e Luca escutam a discussão. Caio aos poucos se aproxima.*

Pedro – A gente não pode ter uma família igual a das outras pessoas? Problemas como os das outras pessoas? Minha mãe não me entende, meu pai não quer que eu faça isso ou aquilo, eu não tô indo bem na escola? Não, pra gente tem que ser isso, tem que ser uma mãe inútil largada numa cama.

Vanessa – Não fala assim dela.

Pedro – É o que ela é. Ela não pensa na gente?

Vanessa – Ela não escolheu ser assim...

Pedro – Ela não pode reagir que nem uma pessoa normal? Tem que ficar nesse estado, fuder com a nossa vida e esquecer que a gente existe? Que problemas são esses que ela acha que ela tem?

Caio – Você não entende nada.

Pedro – Ninguém tá falando com você.

Caio – Todo mundo tem problema.

Pedro – Uns sabem lidar com eles e outros não sabem. Eu quero minha vida de antes. Não quero mais ficar longe das minhas coisas. Não ter meu quarto, meus amigos. Não quero mais morar nessa porra de apartamento minúsculo. Nesse bairro de merda. Convivendo com gente babaca.

*Eles estão quase se agredindo. Toca o telefone de Vanessa, que está com Luca, na sala. A briga continua. Luca atende o telefone e conversa com alguém, mas não conseguimos ouvir o que ele está dizendo.*

Caio – Vai embora, então.

Pedro – Que?

Caio – Vai embora, então, se a casa é tão ruim pra você.

Luca – O pai quer falar com um de vocês.

*Ninguém ouve. A discussão continua.*

Caio – Você acha que alguém me perguntou se eu queria ficar sem as minhas coisas, o meu espaço, pra você entrar?

Pedro – Você não faz ideia do que a gente tá passando.

Luca – (*mais alto*) O pai quer falar com um de vocês.

*Ainda não ouvem. Luca vai andando em direção a cozinha.*

Caio – Você é que não faz ideia do que ela tá passando. Porque você acha que é melhor que todo mundo? Melhor que eu, melhor que ela?

Luca – (*grita, já na cozinha*) O pai quer falar com um de vocês.

Pedro – Que?

*Luca passa o telefone pra ele. Pedro atende.*

Pedro – Alô? (*Ele ouve. Sua expressão muda aos poucos. Da raiva pra um estado de choque*) Que hospital?

*Os outros observam, atônitos.*

## **CENA 05**

*Os quatro estão sentados na sala em silêncio. Vanessa checa o celular o tempo todo, mas não responde nem lê mensagens. Não falam por um longo tempo.*

Luca – Se acontecer mesmo, acho que a gente vai ter que ir.

Pedro – Não vai acontecer.

*Silêncio.*

Luca – Porque a gente já tem idade.

*Silêncio.*

Vanessa – Idade pra isso. Mas não pras coisas boas.

Pedro – Não vai acontecer, tá bom?

Luca – Eu sei, mas e se acontecesse?

Pedro – Não vai acontecer.

Luca – Um dia, quando acontecer.

Pedro – Para com isso, Luca.

Luca – Quando a gente for adulto. Velho. E acontecer. Aí você vai querer ir?

*Pedro não responde.*

Vanessa – *(depois de um tempo)* Acho que sim. Você não?

Luca – Não sei.

Vanessa – Você não ia querer se despedir?

Luca – Acho que ia preferir lembrar dela como era antes. *(pausa)* Dá desespero pensar nela lá dentro.

Vanessa – Eu sei.

*Silêncio.*

Luca – Tem que ir de preto?

Pedro – Luca...

Luca – Nos filmes eles tão sempre de preto. E óculos escuro.

Caio – Isso é filme americano.

Luca – Eles fazem festa depois, é estranho.

Vanessa – Não fazem festa.

Luca – Se tem comida, é festa.

Caio – Não tem nada disso.

Luca – Você já foi?

Caio – Não. (*pausa*) Quando eu era pequeno meu avô morreu, mas não me deixaram ir.

Luca – Minha avó também. Nós ficamos em casa com uma vizinha.

*Silêncio.*

Luca – E uma vez também morreu o bebê de uma tia. É uma tia que a gente não fala. Nem minha mãe foi. Mas eu fiquei imaginando o bebê no caixão. O caixão pra bebê. Não combina.

*Silêncio.*

Vanessa – O que o pai disse?

Pedro – Que ia ligar. Que era pra gente ficar aqui.

Vanessa – Dos médicos?

Pedro – Não disse nada.

Vanessa – Fala logo.

Pedro – Ele não sabia. Ele ia pra lá pra saber.

Vanessa – E quando ele ligou a segunda vez?

Pedro – Ele não sabia direito.

Vanessa – Mas o que ele falou?

Pedro – Que eles não sabiam.

Vanessa – Que mais?

Pedro – Não sei.

Vanessa – Pedro, não dá pra gente ficar aqui fingindo que nada tá acontecendo.

Pedro – Ninguém tá fingindo.

Vanessa – Então fala tudo que ele falou.

Pedro – Não sei. Que ele ia pra lá. Que a Elisa ia depois. Que era pra gente ficar aqui. Que as primeiras horas eram importantes. Que ninguém tinha como saber. Que ele ia ligar.

Vanessa – E o número?

Pedro – Que número?

Vanessa – Eu ouvi você falando um número.

Pedro – Setenta por cento.

Vanessa – De que?

Pedro – De chance.

Vanessa – De que?

Pedro – Não sei, caralho, não sei.

*Silêncio.*

Pedro – Sério, eles não tem como saber.

*Silêncio.*

Vanessa – Não é melhor a gente estar preparado?

Pedro – Preparado pra que?

Vanessa – Pra ela morrer, Pedro. Uma hora vai acontecer. Se não for agora, como a gente sabe que ela não vai tentar de novo? Como a gente sabe que ela não vai tentar até conseguir?

Pedro – A gente não sabe o que vai acontecer.

Vanessa – A gente vai viver com isso na cabeça, de qualquer jeito. Vai ficar o tempo todo achando que pode acontecer.

Pedro – E o que você quer que eu faça?

Vanessa – Não sei. (pausa) É só que. (pausa) Será que de algum jeito. (pausa) Não seria um alívio?

*Silêncio.*

Pedro – Um alívio pra ela. Pra nós, não.

*Silêncio.*

Vanessa – Só tô dizendo que a gente tem que estar preparado. Só isso.

Caio – (*narra*) Eu tentava pensar se dava pra estar preparado. Eu pensava também em como ela tinha decidido. O momento exato. Que ela soube que a melhor coisa a fazer era enfiar aqueles comprimidos na boca. Ir buscar um sofrimento novo, ao invés de ficar repetindo os mesmos sofrimentos de sempre. Como ela tinha tido coragem?

Luca – A gente não pode ir lá?

Vanessa – Não.

Luca – Porque não?

Pedro – O pai mandou a gente esperar aqui. A Elisa ia encontrar ele lá. (*pausa*) Onde ela tá nem dá pra entrar, pra falar com ela.

Vanessa – Ele disse que ele ia ligar.

Luca – Tá.

*Longo silêncio.*

Caio – (*narra*) E pela primeira vez eu vi como era, como podia ser pras pessoas que ficam. Eu achava que sabia, mas eu nunca tinha imaginado de verdade. A gente gosta de se imaginar como uma pessoa importante, heróis, celebridades. Mas na verdade a gente não é. A gente é insubstituível só pra duas, três pessoas no máximo. Talvez só nossos pais. Talvez nem eles. Mas ainda assim, a gente é insubstituível pra alguém. E é pra essas pessoas que a gente fica vivo. E elas, pra gente.

Luca – Quando seu avô morreu, o que falaram pra você?

Caio – Que ele tinha viajado.

Luca – Só?

Caio – Só. Que ele tinha ido viajar e não ia mais voltar.

Vanessa – Nenhuma história sobre Papai do Céu nem nada parecido?

Caio – Não. Eu chorei, porque queria que ele tivesse me levado junto. Fiquei com raiva dele um tempo. Mas depois passou.

Caio – (*narra*) E tem isso de a gente não saber lidar com o fim das coisas. Tem coisas na vida que a gente não quer que acabem nunca. E tem também essa coisa de que a vida é um ciclo, e o fim de um é o começo de outro, essas coisas meio... esotéricas, sei lá. Eu também não sei muito bem como terminar essa história.

Vanessa – Quando a gente é criança, esquece das coisas rápido.

Caio – Eu só fui entender bem depois.

Vanessa – Quando ficou mais velho.

Caio – É. Aí não tive mais raiva.

Vanessa – Dá vontade de ser assim de novo.

*Silêncio.*

Luca – Mas agora a gente já tem idade.

*Silêncio.*

Pedro – (*pra Luca, carinhoso*) Se acontecer, você só vai se quiser, tá bom?

Luca – (*chora*) Tá.

*Vanessa o puxa pra perto dela no sofá, o abraça.*

Pedro – Mas não vai acontecer.

Luca – Mas se acontecer, você vai?

Pedro – (*pausa*) Vou. Se acontecer eu vou. Você não precisa ir, se não quiser. Não tem problema. (*pausa*) Mas não vai acontecer.

*Silêncio.*

Luca – Que horas o pai vai ligar?

Pedro – Ele não disse. Você pode ir dormir se quiser.

Luca – Eu vou ficar aqui.

Vanessa – Tá bom.

Pedro – Tá bom?

Luca – Tá.

*Silêncio.*

Caio – Tem gente que diz que não interessa o meio da história, se o começo e o final forem muito bons, todo mundo vai gostar. Outros dizem que não interessa o começo e o fim, a gente quer é saber como as coisas acontecem entre um e outro. Eu não sei. Eu não sei como um bom escritor terminaria essa história, mas é a minha primeira história. Se não for um bom fim dessa vez, eu faço um melhor na próxima. Porque eu vou continuar escrevendo.

*O telefone em cima da mesa toca. Vanessa estende a mão pra atender.  
Blackout.*